

STEPHANIE MARTINS DE SOUSA

A descrição dos Godos e a justificativa para as guerras de reconquista do imperador Justiniano na Península Itálica (535-554) na obra de Procópio de Cesareia.

Mariana- MG
2014

Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Departamento de História

Stephanie Martins de Sousa

A descrição dos Godos e a justificativa para as guerras de reconquista do imperador Justiniano na Península Itálica (535-554) na obra de Procópio de Cesareia.

Monografia apresentada ao Curso de História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr.Fábio Duarte Joly

Mariana- MG
2014

Agradecimentos

Não pretendo iniciar essa monografia sem me lembrar das pessoas que indireta ou diretamente me ajudaram a construí-la. Pessoas que, com palavras e gestos, me ajudaram a tecer os argumentos aqui edificadas. Tudo na vida é aprendizado, e ousar dizer que até os piores momentos me ajudaram a me tornar a pessoa que eu sou hoje, e eu sou muito grata por tudo o que pude viver e aprender em Mariana e na UFOP.

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, Vilma e Maury, porque o amor de vocês, a dedicação e os sacrifícios que sempre fizeram por mim, permitiram que a minha graduação acontecesse, e por serem o meu porto seguro durante todo esse tempo. À minha irmã, Karolinne, pela amizade e apoio incondicional. À minha madrinha, Odete, que apesar da distância, sempre esteve ao meu lado, me apoiando incondicionalmente e pelo carinho de toda a vida.

Ao Lucas, pelo amor, carinho e companheirismo e por aguentar todos os meus ataques de ansiedade durante a graduação. Às minhas grandes amigas, que sempre estiveram ao meu lado, me proporcionando os melhores momentos e sorrisos, em especial: Jumara, Gabriela, Anne, Leonardo, Vinicius, Valéria, Marcelo, Anderson, Vitor, Poliana e Mayra.

Ao Prof. Dr. Fábio Duarte Joly, por me acompanhar durante todo o percurso desse projeto. Pela erudição e atenção que me ajudaram a montar, desenvolver e finalizar a pesquisa. E, acima de tudo, pela confiança em mim depositada.

Não posso me esquecer de agradecer ao Prof. Dr. Celso Taveira, que me guiou pelos primeiros passos dessa pesquisa e por me apresentar ao fascinante universo da história bizantina. Agradeço também ao Prof. Dr. Fábio Faversani, pela atenção e por contribuir com o meu enriquecimento pessoal e profissional. Ao Leir e ao Grupo de Medieval. Sou grata ainda, aos Professores Doutores Francisco Eduardo de Andrade e Cláudia Chaves pela dedicação e ensinamentos durante toda a minha graduação.

Por fim, obrigada a todos que, de uma forma ou de outra, estiveram presentes em algum momento desta minha jornada, que riram comigo, que se preocuparam com as minhas inquietações, que estiveram ao meu lado nos momentos mais diversos possíveis.

Resumo

Procópio de Cesareia (490-562) foi um historiador bizantino que escreveu a coleção de livros intitulada *História das Guerras*. Nessas obras são narradas as guerras de reconquista promovidas pelo imperador Justiniano (527-565) no século VI. Pretendo analisar como Procópio de Cesareia descreve os godos na sua obra *Guerra Gótica* e como, através dessas caracterizações, ele justifica as campanhas de Justiniano na Península Itálica. Destaco na obra a importância do Cristianismo como principal argumento diferenciador entre os godos e os romanos e como ele utiliza a religião como uma justificativa para os eventos militares ocorridos na Itália entre 535 e 554. Para isso, vou analisar uma possível construção de uma identidade cristã romana frente a uma identidade herege para os godos, que após adotarem o arianismo, em vez do cristianismo ortodoxo, isto é, tal como definido pelos concílios, asseguraram uma identidade separada das demais no império.

Palavras-Chave: Procópio de Cesareia, História das Guerras, Império Bizantino.

Abstract

Procopius of Caesarea (490-562) was a Byzantine historian who wrote a series of books entitled *History of the Wars*. These works narrated the wars of reconquest waged by Justinian (527-565) in the sixth century. In this study, I analyze how Procopius describes the Goths in his work as well as how, through these characterizations, he justifies the campaigns of Justinian in Italy. I intend to highlight the importance of Christianity as the main differentiating point between the Goths and the Romans because Procopius cites religion as a justification for the military events that occurred in Italy between 535 and 554. I analyze a possible construction of a Roman Christian identity against a heretic identity attributed to the Goths, who, after adopting Arianism instead of orthodox Christianity, that is, as defined by the councils, secured a separate identity inside the empire.

Keywords: Procopius, History of the Wars, Byzantine Empire.

SUMÁRIO

Resumo	04
Abstract	05
Introdução.....	07
Capítulo 1 - Procópio de Cesareia: Aspectos de sua vida e de seu projeto historiográfico.....	10
Capítulo 2 - O reinado de Justiniano.....	20
Capítulo 3 - Os bárbaros segundo Procópio de Cesareia: o cristianismo na <i>Guerra Gótica</i> e a luta contra as heresias.....	25
Considerações finais.....	32
Referências Bibliográficas.....	34

Introdução

Governando sob a autoridade de Deus nosso império, que foi entregue a nós pela Sua Majestade Celestial, guerreamos com sucesso, adornamos a paz, restauramos a estrutura do estado, e assim, elevamos nossas mentes na contemplação do auxílio da onipotente divindade. [...] (Corpus Iuris Civilis, Constitutio Deo Auctore, Justiniano)

O tema desta monografia é o historiador Procópio de Cesareia e a narrativa por ele elaborada acerca dos conflitos envolvendo os exércitos do imperador Justiniano e os godos entre 535 e 554 d.C. Por meio de uma interpretação textual, procuramos analisar como o historiador legitima as campanhas na Península Itálica por meio das descrições e caracterizações que ele tece sobre esse povo germânico. Acreditamos que o principal argumento legitimador utilizado em sua obra teria a sua base nas diferenças religiosas entre os romanos e os “bárbaros”.

Os godos desde o século IV haviam se convertido ao arianismo, que foi condenado pelo Concílio de Nicéia em 325 d.C.. Portanto desde então, foram considerados heréticos. O imperador, como representante cristão, travou batalhas contra as populações professavam outras formas religiosas, que, a seu ver, oprimiam a população romana cristã ortodoxa, para reconstituir o Império em torno de uma fé cristã única.

O império bizantino foi um conglomerado de diversos grupos étnicos, que disputavam um espaço físico e simbólico, o que culminou em muitos conflitos, diálogos, interações e revoltas. Contudo, muitas vezes, a longevidade desse império é tratada como algo historicamente inevitável, enfatizando a necessidade e o controle do poder imperial, devido à desintegração territorial do Ocidente. O debate historiográfico sobre a história política bizantina, baseado na afirmação da centralidade do sistema imperial, pode esconder os esforços originais que cada governo demandou na relação com os súditos. Justiniano I (527-565), por exemplo, precisou adotar medidas diversas para demonstrar, promover e legitimar o seu governo¹.

¹ BAPTISTA, Lyvia de Vasconcelos. **Procópio e a apropriação do modelo tucidideano: a representação da peste na narrativa histórica (VI século d.C.)**. Dissertação de mestrado, UFG: Goiás, 2008, p. 23.

O objetivo do imperador era restabelecer as antigas fronteiras de Roma que, no período em questão, estavam reduzidas ao Oriente grego e à Ásia Menor². Para o sucesso de tal empresa, Justiniano enviou suas tropas contra os vândalos no norte da África, os ostrogodos na Península Itálica e na Sicília, os visigodos na atual Espanha e os Persas no Oriente, sob comando de Belisário, general do Oriente. A principal fonte para estudar esse período são as obras do historiador Procópio de Cesareia, que foi enviado pelo próprio Justiniano com o objetivo de descrever essas campanhas militares.

O historiador escreveu uma coleção de oito volumes intitulada de *História das Guerras*, publicada entre 551 e 554 e organizada da seguinte maneira: dois volumes sobre a *Guerra Persa*, outros dois sobre a *Guerra Vândala*, três sobre a *Guerra Gótica* e um último livro que traz informações tardias sobre esses eventos militares. Procópio escreveu ainda outro livro intitulado postumamente de *História Secreta*, no qual, diferentemente das outras obras, que exaltavam o governo e as ações grandiosas do imperador, o historiador critica o governo e o próprio imperador, assim como a Imperatriz Teodora, o general Belisário e a sua esposa. A última obra escrita pelo autor foi *Das Construções* (ou *Dos Edifícios*), que é composta por seis livros escritos aproximadamente em 560, e descreve as obras arquitetônicas construídas no período em questão. Pela variedade de conteúdo de suas obras, o autor é considerado como a principal fonte para se estudar o governo de Justiniano.

Este trabalho foi organizado em três capítulos. No primeiro, intitulado “Procópio de Cesareia: Aspectos de sua vida e de seu projeto historiográfico”, apresentamos as características gerais do *corpus* procopiano e as principais discussões historiográficas modernas sobre o autor. Em seguida, procuramos compreender os caminhos que conduziram Procópio a escrever a *História das Guerras* no modelo clássico antigo de História, em vez de uma História de tipo Eclesiástica, comum aos historiadores cristãos do século VI.

No segundo capítulo, “O reinado de Justiniano”, procuramos analisar as principais medidas políticas e administrativas tomadas pelo imperador Justiniano, principalmente com relação a sua política expansionista em direção ao Ocidente. No terceiro capítulo, “Os bárbaros na obra de Procópio de Cesareia: o cristianismo na *Guerra Gótica* e a luta contra as heresias”, analisamos como Procópio de Cesareia

2 OSTROGORSKY, Georg. **História del Estado Bizantino**. Tradução de Javier Facci. Madri: Akal, 1984, p. 83.

descreveu os godos nos livros sobre a *Guerra Gótica* e como através dessas caracterizações ele justifica as campanhas de Justiniano na Península Itálica. Nessa sessão propomos uma possível construção de uma identidade cristã romana e uma identidade cristã considerada herética para os godos, que, após adotarem o arianismo, asseguraram uma identidade separada das demais vigentes no império.

Essa abordagem igualmente permite que observemos as relações do Império Bizantino com as populações bárbaras que estavam situadas nos antigos territórios do Império Romano. Pode-se assim analisar como esses povos eram vistos pelo centro do poder e quais motivos levaram Justiniano a empreender as suas guerras de reconquista nessas regiões. Podemos ponderar principalmente questões de cunho religioso na fonte, quando o Cristianismo Ortodoxo foi utilizado como principal argumento diferenciador entre os romanos e esses povos. Pontos que ganham importância se termos em mente que o século VI foi palco de diversas discussões sobre questões doutrinárias ou disciplinares na Igreja Cristã.

O modo como foram dispostos os capítulos obedece a uma opção metodológica para entender o particular, isto é, o contexto de produção e as obras do autor, para depois estudar como o autor legitima as incursões militares empreendidas por Justiniano nos territórios que estão sob o governo dos povos germânicos. No caso e estudo, vamos analisar somente o caso específico dos godos, portanto a nossa fonte principal serão os livros referentes à *Guerra Gótica* (V, VI, VII). Utilizamos de forma secundária os outros livros da coleção, *Guerra Pérsica* e *Guerra Vândala* devido às caracterizações das populações germânicas presentes nessas obras. Para realizarmos este trabalho utilizamos a edição crítica da Loeb Classical Library, com o texto grego seguido da tradução inglesa por H. B. Dewing e G. Downey. As traduções aqui apresentadas foram feitas a partir da tradução inglesa.

Capítulo 1: Procópio de Cesareia: Aspectos de sua vida e seu projeto historiográfico

Este capítulo tem como objetivo apresentar as características gerais do *corpus* procopiano e as principais discussões historiográficas modernas sobre o autor. Antes de iniciarmos os nossos estudos sobre as problemáticas aqui propostas para a obra *Guerra Gótica* é necessário refletirmos sobre alguns fatores que exerceram grande influência nas narrativas de Procópio de Cesareia e que foram determinantes para a composição de sua obra. Primeiramente vamos analisar a vida do autor e a sua experiência nos campos de batalha ao lado do general Belisário, do qual era conselheiro particular. Em seguida, pretendemos compreender os caminhos que conduziram Procópio a escrever a *História das Guerras* no modelo clássico antigo de História, em vez de uma História de tipo Eclesiástica, comuns aos historiadores cristãos do século VI.

1.1 - Procópio de Cesareia e a narrativa das Guerras

Procópio de Cesareia nasceu, provavelmente, entre os anos de 490 e 507 d.C., como indicado por suas obras, em Cesareia³, na Palestina, cidade costeira importante e fundada pelos fenícios. Foi nomeado, em 527 d.C., conselheiro⁴ de Belisário, comandante militar do Oriente. Em 533-534 d. C., durante a guerra contra os Vândalos na África, Procópio serviu como assessor deste general. Foi enviado pelo próprio Justiniano com o objetivo de descrever os acontecimentos dessas campanhas militares e, por ter ocupado um posto oficial junto aos romanos, pôde testemunhar e registrar os eventos que narrou em sua obra. Porém, não pôde acompanhar toda a campanha na Itália uma vez que, em 540, ele voltou para Constantinopla juntamente com Belisário.⁵ Por ser uma narrativa feita a pedido do imperador sua obra glorifica e justifica as

³ **De Bello Persico**. I, 1,1.

⁴ PROCOPIUS. **De Bello Persico**. I, xii, 23-24.

⁵ PROCOPIUS. **De Bello Persico**. II, xxii, 9.

guerras de reconquista promovidas por ele, assim como seus comandantes militares Belisário e Narses.

Ao narrar as guerras promovidas pelo imperador no século VI, Procópio acreditava que contemplaria os mais importantes registros históricos de sua época. O autor afirma isso no livro da *História das Guerras*:

Procópio de Cesareia escreveu a história das guerras as quais Justiniano, Imperador dos Romanos, empreendeu contra os bárbaros do Oriente e do Ocidente, relatando separadamente os eventos de cada uma a fim de que o longo do curso do tempo não possa oprimir os feitos de singular importância por falta de um registro e, assim, abandoná-los ao esquecimento totalmente.⁶

Procópio acreditava que era habilitado para escrever esses eventos de tão grande importância, pois ao ser nomeado conselheiro de Belisário e acompanhar o general nas batalhas, foi uma testemunha ocular dos acontecimentos. Essa posição privilegiada do historiador conferiu um maior grau de veracidade e de confiabilidade às suas narrativas. Segundo o autor:

Além disso, ele não tinha dúvidas de que era especialmente competente para escrever a história daqueles eventos, se não por outra razão, porque lhe coube, quando foi apontado como conselheiro do general Belisário, estar próximo de praticamente todos os eventos a serem descritos.⁷

Entretanto, o historiador não acompanhou todos os eventos que descreveu na *Guerra Gótica* e, devido a isso, alguns trabalhos sobre Procópio mostram que há algumas variações na forma como ele aborda as campanhas na Itália em comparação com as outras expedições descritas anteriormente. Para Averil Cameron, uma das maiores estudiosas do período da Antiguidade Tardia, há uma “mudança de entusiasmo” do historiador ao longo de sua escrita. De uma narrativa que possuía um excitamento jovial nos primeiros anos da Guerra Gótica passa-se para um estado de desapontamento

6 PROCOPIUS. *De Bello Persico*. I, I, 1.

7 PROCOPIUS. *De Bello Persico*. I, i, 3.

com os rumos das guerras na Península Itálica e com Belisário. Uma hipótese para essa mudança pode ser o fato de que ele saiu da Itália, junto com o general, por volta de 540. Por não poder testemunhar os acontecimentos na Itália, Procópio teria escrito as suas histórias através de informações recebidas por terceiros que não são claramente identificados ou explicitados em seus livros⁸. Segundo Warren Treadgold, por não ter conseguido testemunhar a maioria dos eventos que ocorreram na Itália, suas narrativas acabaram sendo bem menos detalhadas em comparação com as outras campanhas militares na Pérsia e na África.⁹ Renato Viana Boy acrescenta que:

A combinação de todos esses fatores (uma guerra longa à qual o historiador não testemunha presencialmente por completo, desilusões com os desfechos dos combates a partir da década de 540, críticas às ações militares de Justiniano), faz com que os livros da *Guerra Gótica*, entre aqueles que compõem a *História das Guerras*, ofereça, ao leitor um objeto mais complexo. Tal apontamento se deve ao fato de que as guerras na Itália terem oferecido aos exércitos de Justiniano maiores obstáculos e dificuldades, durante um tempo mais prolongado do que aqueles vividos pelos romanos contra os persas ou os vândalos.¹⁰

Diferentemente da obra *História Secreta*, em que o historiador tece críticas diretas e abertas a Justiniano, a imperatriz e aos seus generais, na *História das Guerras*, podemos perceber através das falas e das ações de outros indivíduos descritas na obra, críticas e opiniões do autor com relação ao governo imperial. No trecho abaixo, Procópio, narra a chegada dos exércitos imperiais em Constantinopla após os ataques na Itália, acusando o imperador de ter ciúmes das conquistas de Belisário:

Mas ao receber a riqueza de Teodorico, que era uma notável visão, ele simplesmente a apresentou para os membros do Senado para vê-la em

8 CAMERON, Averil. **Procopius and the Sixth Century**. Londres: Duckworth, 1996, p. 7.

9 TREADGOLD, Warren. **The early Byzantine Historians**. Londres: Palgrave Macmillan, 2010. p. 185.

10 BOY, Renato Viana. **Procópio de Cesareia e as disputas entre romanos e bárbaros na Guerra Gótica: da “Queda de Roma” ao período de Justiniano**. Tese de doutorado, USP: São Paulo, 2013. p. 39.

privado no palácio, estando com ciúmes por causa da magnitude e esplendor da realização, ele nem os trouxe para fora diante do povo, nem permitiu a Belisário o habitual triunfo, como fez quando ele retornou de sua vitória sobre Gelimar e os vândalos.¹¹

Outro diferencial da *História das Guerras* está no fato de que seu autor, diferentemente de seus contemporâneos, optou por escrever as suas narrativas no estilo clássico, e não no modelo de história universal e eclesiástica comuns aos historiadores cristãos de seu período. Procópio utilizou como modelo para escrever as *Guerras* as obras de Heródoto e Tucídides, ambas do século V a.C.. Para entender essa opção do historiador, devemos analisar os motivos que o levaram a escolher esse estilo de escrita.

Do ponto de vista cultural, o governo de Justiniano caracterizou-se por um importante declínio no conhecimento do latim e uma retomada do grego, através da sua adoção como língua oficial. Além disso, a cidade em que Procópio nasceu, Cesareia na Palestina, foi um grande centro intelectual até o século IV. Podemos então considerar que Procópio, pertencendo a uma família aristocrática abastada, teve na sua formação acesso a toda uma cultura clássica e de grande riqueza intelectual. O fato de o historiador ser oriundo de uma elite, certamente teria exercido influência sobre ele na composição de suas narrativas. De acordo com Lyvia Baptista:

Nesse momento, encontramos a coexistência do modelo de educação grega, a *Paidéia*, e o regime imperial romano. Apesar da influência helênica, os bizantinos do século de Procópio e dos precedentes se autodenominavam romanos (*rhomaioi*). Embora o Império Bizantino rechaçasse um considerável número de elementos do helenismo, como por exemplo, o modelo de religião dos gregos helênicos, a arquitetura retilínea usada nos templos, a representação naturalista da forma humana e a filosofia desenvolvida nos séculos V a.C. e IV a. C., ainda assim houve o nascimento ou eclosão de um importante movimento estético particularmente literário, cujas bases exigiam um apego às formas empregadas pelos autores gregos da época clássica. Este movimento inicial foi chamado de “aticismo” e contava com autores cujo objetivo era atingir uma língua “grande, pura é sublime, e que desembocaria no chamado classicismo”.¹²

11 PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VII. I, 3

Através dos modelos clássicos de escrita da história, e partindo dos questionamentos políticos típicos do seu grupo social, que o autor articulou a organização de suas obras e críticas ao governo do imperador. Nesse caso mostram-se úteis as reflexões de Roger Chartier, para quem a representação do mundo está ligada à posição social dos indivíduos; a percepção do real é determinada por categorias partilhadas por determinado grupo social, e essas categorias configuram uma instituição social, na medida em que são dados ligados a grupos sociais, que buscam atender a interesses específicos. Portanto, toda a representação social aspira à hegemonia, ela busca se impor aos demais grupos sociais¹³. Apesar da influência helênica nesse período em que escreveu Procópio, a busca pelos padrões estilísticos dos autores clássicos representou uma barreira à difusão dos escritos dos historiadores bizantinos envolvidos nesse gênero narrativo. Logo, essas obras eram restringidas a um círculo de leitores que compartilhavam, enquanto grupo instruído, a mesma motivação classicista. Segundo Lyvia de Vasconcelos:

Através de suas descrições, podemos considerar que os historiadores em questão privilegiam a faculdade do *ver*, em detrimento do “ouvir”, atribuindo ao seu relato uma verdade maior pelo fato de saber porque viu, sendo muitas vezes testemunha ocular direta.¹⁴

Não podemos pensar que a obra de Procópio seja uma pura imitação do trabalho de Tucídides ou de Heródoto, mas sim uma busca do autor em constituir, em um modelo de estrutura clássica antiga, os registros das guerras que ele testemunhou no século VI. Segundo Averil Cameron, essa relação entre a escrita de Procópio com o classicismo pode ser interpretada como uma mescla entre a visão tradicionalista e conservadora do historiador de um lado, e do outro, a busca por seguir um modelo de escrita da história

12BAPTISTA, Lyvia de Vasconcelos. **Procópio e a apropriação do modelo tucidideano: a representação da peste na narrativa histórica (VI século d.C.)**. Dissertação de mestrado, UFG: Goiás, 2008, p. 51-52.

13 CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, 1991, vol.5, n.11, p. 15.

14 BAPTISTA, Lyvia de Vasconcelos. **Procópio e a apropriação do modelo tucidideano: a representação da peste na narrativa histórica (VI século d.C.)**. Dissertação de mestrado, UFG: Goiás, 2008, p. 49.

antiga clássica. Ainda de acordo com a autora, a obra de Procópio “apresenta uma mistura sutil do pessoal e do imitativo com o tradicional e o contemporâneo”¹⁵. O estilo de escrita do autor supracitado se enquadra naquele descrito por Erich Auerbach: uma descrição completa dos eventos em que os fatos são uniformemente iluminados e definidos temporalmente¹⁶. Em outras palavras, a obra de Procópio deve ser entendida como um produto de sua própria época, como um importante testemunho historiográfico de um conturbado período de conflitos militares e mudanças políticas nas relações entre a capital do Império e as antigas fronteiras romanas. Para Renato Viana Boy:

É esse constante diálogo entre o clássico e o contemporâneo que faz da História das Guerras um documento diferenciado entre os testemunhos do governo de Justiniano. Sua especificidade reside exatamente no fato de seu autor ter buscado articular, dentro de uma estrutura de clássica antiga de escrita, uma temática própria aos séculos V e VI. Tal proposta deve ser destacada também pelo fato de se pautar sobre uma abordagem narrativa que seguia em sentido contrário à produção historiográfica predominante do período, qual seja, a de tipo Eclesiástica e Universal.¹⁷

O atual debate moderno sobre a *mimese* dos clássicos envolve uma análise e investigação de muitas obras bizantinas, como as de Agatias, Prisco, Eusébio de Cesareia, Menandro Protector, Anna Comnena, entre outros. Mas é interessante destacar que Procópio aparece sempre como ponto de partida dessas análises, sendo o principal autor bizantino pesquisado até a primeira metade do século XX¹⁸.

15 CAMERON, Averil. **Procopius and the Sixth Century**. Londres: Duckworth, 1996, p. 45.

16 AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 20.

17 BOY, Renato Viana. **Procópio de Cesareia e as disputas entre romanos e bárbaros na Guerra Gótica: da “Queda de Roma” ao período de Justiniano**. Tese de doutorado, USP: São Paulo, 2013, p. 50.

18 BAPTISTA, Lyvia de Vasconcelos. **Bizâncio em foco: a historiografia produzida sobre Procópio de Cesaréia**. In: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História ANPUH. São Paulo: ANPUH-SP, 2011. v. 1, p. 5.

Desse modo, podemos perceber que a obra desse autor bizantino constitui uma das mais completas fontes para se estudar o período em questão, não só do ponto de vista dos temas tratados em seus livros, mas também pelo estilo literário escolhido por ele e por outros escritores contemporâneos, que mostram como, apesar de todas as transformações que estavam ocorrendo no Império Romano, ainda havia uma forte presença do helenismo.

1.2 - O *corpus* procopiano

O historiador escreveu uma coleção de oito volumes intitulada de *História das Guerras*, publicada entre 551 e 554 e organizados da seguinte maneira: dois volumes sobre a *Guerra Persa*, outros dois sobre a *Guerra Vândala*, três sobre a *Guerra Gótica* e um último livro, adicionado posteriormente, que traz informações tardias sobre os eventos ocorridos na Itália, na África e na Pérsia. As três partes dessa obra se comportam de forma autônoma. Nessa coletânea o autor narra as campanhas militares entre os romanos e os povos “bárbaros”, pelos territórios limítrofes do Império, durante o governo de Justiniano. Segundo Charles Pazdernik, trata-se de uma monumental história política e militar, em que são descritas as campanhas militares contra os persas, vândalos e godos¹⁹.

Os livros que compõem a Guerra Persa narram os conflitos que ocorreram nas províncias orientais. As guerras contra os Persas ocorreram devido a atentados fronteiriços e por causa das disputas de poder.²⁰ O exército de Justiniano não venceu os Persas e foi assinado um tratado de paz com essa população, pelo qual o governo imperial deveria pagar Tributos ao rei persa Chrosroes.²¹ Nessa seção Procópio descreve a revolta de Nika e a peste que atingiu Constantinopla em 542.

19 PAZDERNIK, Charles F. Procopius and Thucydides on the Labor of War: Belisarius and Brasidas in the Field. **Transactions of the American Philological Association**, vol. 130, 2000, p. 149.

20 BAPTISTA, Lyvia de Vasconcelos. **O logos da Guerra Pérsica: Uma análise da perspectiva histórica da obra de Procópio de Cesareia (VI d.C.)**. Tese de doutorado, UFRGS: Porto Alegre, 2013, p. 27.

A Guerra Vândala traz os acontecimentos que ocorreram na África entre 533 e 550, contra os povos vândalos. O autor informa o conteúdo geral da obra e demonstra as causas e os antecedentes que levaram Justiniano a reconquistar esses territórios no norte do continente africano. Nesses livros o historiador descreve as batalhas que foram cruciais para a vitória bizantina nesses territórios, a batalha de Ad Decimo e a de Mames.²²

A última parte da obra é referente aos eventos na Itália contra os godos de 535 a 550. Inicialmente o historiador faz uma digressão e escreve sobre o reinado do imperador Zenão, depois narra como foi a deposição de Rômulo, o último imperador romano do Ocidente, em 476. Em seguida, Procópio escreve sobre o rei dos godos Teodorico, o Grande, e a ascensão de sua filha Amalásunta ao trono após a morte de seu pai. Nesse momento, ao contrário de todo o restante da narrativa, o historiador tece elogios a Teodorico e à sua família.²³ O assassinato de Amalásunta, por seu marido Teodato, aparece na obra como ponto de partida para todo o processo que levou os exércitos de Justiniano, sob o comando do general Belisário, a buscar reconquistar o território italiano.

A campanha dos ostrogodos foi a mais difícil e longa. Belisário conquistou a Sicília, Nápoles, Roma, e a capital dos ostrogodos, Ravena. Em 540 o general levou o rei ostrogodo Vitiges como prisioneiro para Constantinopla. Com a ascensão de um novo rei godo, Totila, os combates ganharam novos impulsos. Após ter chegado ao conhecimento de Justiniano que Belisário queria assumir o poder na Itália, o imperador pediu o seu regresso a Constantinopla e enviou como seu sucessor o eunuco Narces, que conseguiu uma vitória decisiva em 552. Entre 550 a 554, uma série de intervenções bem sucedidas contra os visigodos permitiu a Justiniano reconquistar o sudoeste da Espanha.²⁴

21 GREGORY, Timothy. **A history of Byzantium**. Malden/Oxford: Blackwell, 2005, p. 137

22 BAPTISTA, Lyvia de Vasconcelos. **O logos da Guerra Pérsica: Uma análise da perspectiva histórica da obra de Procópio de Cesareia (VI D.C)**. Tese de doutorado, UFRGS: Porto Alegre, 2013, p. 26.

23 PROCOPIUS. **De Bello Gothico**. V. II, 1.

24 LEMERLE, Paul. História de Bizâncio. São Paul: Martins Fontes, 1991. p. 46.

Procópio escreveu ainda outro livro intitulado postumamente de *História Secreta*, em que critica o governo e o próprio imperador, assim como a Imperatriz Teodora, o general Belisário e a sua esposa. A obra permaneceu por muito tempo desconhecida, sendo descoberta na biblioteca do Vaticano em 1623. Devido às grandes diferenças entre o conteúdo dessa obra com os demais livros do autor, inicialmente levantaram-se suspeitas sobre a sua autoria. Segundo Lyvia Baptista, “na *História Secreta* Justiniano é caracterizado como um comandante da tirania, criador da miséria, rei dos demônios e corruptor da moral”²⁵.

A última obra escrita pelo autor foi *Das Construções* (ou *Dos Edifícios*). É, composta por seis livros escritos aproximadamente em 560, descrevendo as obras arquitetônicas construídas no período em questão. Trata-se, portanto, de um outro panegírico dedicado à exaltação do imperador através das suas obras públicas²⁶. Diferentemente da *História Secreta*, Justiniano é caracterizado como um governante preocupado em fortificar as fronteiras, em construir cidades, oferecendo conforto e segurança aos seus súditos.

1.3 - A historiografia moderna e Procópio de Cesareia

O debate historiográfico em torno das guerras de reconquista promovidas pelo imperador Justiniano gira em torno dos impactos e motivos que culminaram nessas campanhas militares contra os godos, vândalos e persas. Procópio é um dos autores mais abordados pela historiografia devido à quantidade de informações que a sua obra nos oferece acerca do governo de Justiniano e pela heterogeneidade de seus trabalhos que possuem características muito diferentes. Para Averil Cameron, a maior dificuldade encontrada pelos historiadores que estudam as obras de Procópio é pensar uma ligação entre os três trabalhos de Procópio e a sua relação com a sociedade e cultura do século VI, além do problema de datação das obras:

25 BAPTISTA, Lyvia de Vasconcelos. **O logos da Guerra Pérsica: Uma análise da perspectiva histórica da obra de Procópio de Cesareia (VI D.C)**. Tese de doutorado, UFRGS: Porto Alegre, 2013, p. 29.

26 BOY, Renato Viana. **Procópio de Cesareia e as disputas entre romanos e bárbaros na Guerra Gótica: da “Queda de Roma” ao período de Justiniano**. Tese de doutorado, USP: São Paulo, 2013, p. 16.

A primeira prioridade, então, é encontrar uma maneira de contornar esse dilema (da ligação entre as três obras de Procópio), para explicar a relação entre as obras, sem recorrer a uma visão evolutiva ou psicológica tosca (pois não sabemos quase nada sobre Procópio, exceto o que pode ser obtido a partir de suas próprias obras). [...] A *História Secreta* não é tão indisciplinada, o *Das Construções* não é tão insincero e, acima de tudo, as *Guerras* não são tão esplendidamente objetivas e racionais como aparecem nos livros modernos.²⁷

Para tentar explicar as diferenças de estilo das obras de Procópio, alguns autores colocaram Procópio em um grupo político descontente com o imperador. Segundo James Allan Stewart Evan, a situação social do historiador poderia ter sido afetada pelas reformas e inovações imperiais propostas por Justiniano e pelas catástrofes geradas pela peste, pelos terremotos e inundações que o fizeram aproximar o imperador da imagem de anticristo e “príncipe das trevas” na obra *História Secreta*²⁸.

Além das discussões concernentes ao estilo procopiano de escrita, que iremos tratar no próximo tópico, o elemento religioso encontra forte relevância na historiografia produzida pelo autor bizantino. A maioria dos recentes estudos sobre o historiador admite que Procópio professava o cristianismo ortodoxo; porém é quase impossível rastrear alguma declaração direta sobre suas crenças em suas narrativas. Segundo Averil Cameron, é quase inegável a influência religiosa nas obras de Procópio, pois elas comportam suposições da providência divina, apresentam a relação de Justiniano com o sobrenatural, falam sobre a polaridade entre o bem e o mal e a possibilidade do milagroso.²⁹ Juan Signes Codoñer enfatiza que:

Há ademais muitas passagens que ligam Procópio a superstições, presságios e prodígios próprios da mentalidade da época e que transcendem a qualquer credo em concreto. Se não entendemos esse crisol de cultos que era o mundo mediterrâneo por esta época e a grande dívida que o cristianismo tem com respeito às outras religiões ou tradições no nível das crenças populares, seremos incapazes de entender o porquê o cristão Procópio presta crédito em uma

27 CAMERON, Averil. **Procopius and the Sixth Century**. Londres: Duckworth, 1985, p. 9.

28 EVANS, J.A.S. **Procopius**. New York: Twayne Publishers, 1972, p. 8.

29 CAMERON, Averil. **Procopius and the Sixth Century**. Londres: Duckworth, 1985, p. 113.

determinada passagem aos oráculos sibilinos sem perder por nenhum momento sua condição de Cristão³⁰.

Neste trabalho vamos utilizar somente a coleção *História das Guerras*, mais especificamente, a *Guerra Gótica* para poder analisar as descrições feitas pelo historiador sobre os godos e como através dessas caracterizações ele justifica as campanhas de Justiniano na Península Itálica. Utilizarei também alguns trechos das outras obras do autor, *Guerra Persa* e *Guerra Vândala* que considero importantes para a realização desse estudo. Conhecer melhor esse período da história romana é fundamental para nosso trabalho, não apenas por ter sido nele que Procópio de Cesareia concebeu sua grandiosa produção historiográfica, mas também porque foram os acontecimentos decorridos sob Justiniano que serviram ao historiador como objetos principais de suas narrativas.

30 SIGNES CODONER, apud: BAPTISTA, 2008, p. 39.

Capítulo 2: O reinado de Justiniano

Desde os primeiros anos de seu reinado o imperador Justiniano buscou reconquistar os antigos territórios do império perdidos, ao longo dos séculos III e V, para os povos ditos “bárbaros” (godos, vândalos, francos, lombardos), nas fronteiras da Europa Ocidental, do norte da África e dos persas no Oriente³¹. Além dos grandes empreendimentos político-militares, seu reinado ficou conhecido pelas grandes obras arquitetônicas, como a construção da Igreja de Santa Sofia, que é considerada um dos maiores símbolos do império bizantino, pelo desenvolvimento da arte e da literatura, da arquitetura militar e pela grande reforma legislativa nas leis romanas. Neste capítulo vamos analisar as principais medidas políticas e administrativas tomadas pelo imperador Justiniano, principalmente com relação a sua política expansionista em direção ao Ocidente.

Sobrinho de Justino I (518-527), Justiniano, o Grande (527-565) assumiu o trono depois que seu tio faleceu sem filhos. Sua ascensão ao trono se realizou sem crise aparente, a legitimidade de seu governo assentou-se no parentesco com Justino e na sua atuação como co-regente. Andrew Lough³² e Paul Lemerle³³ ressaltam a influência de Justiniano durante o reinado de seu tio, principalmente a respeito das reformas religiosas. Ao todo podemos contar 47 anos de reinado se consideramos o tempo que ele governou atrás do trono de seu predecessor.

Seu reinado teve dois grandes objetivos: reestabelecer o esplendor e a prosperidade do antigo Império Romano e reconquistar os territórios romanos perdidos para os povos germânicos. Assim, suas ações ressaltam o objetivo e o ideal de construir

31 BOY, Renato Viana. **Procópio de Cesareia e as disputas entre romanos e bárbaros na Guerra Gótica: da “Queda de Roma” ao período de Justiniano**. Tese de doutorado, USP: São Paulo, 2013, p. 174.

32 LOUGHT, Andrew. Justinian and his legacy. In: SHEPARD, Jonathan (org). **The Cambridge history of the Byzantine Empire**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 105.

33 LEMERLE, Paul. História de Bizâncio. São Paul: Martins Fontes, 1991, p. 53.

novamente, como um dever sacrossanto, a integridade dos territórios do império romano dos séculos I e II. O imperador, como representante cristão, travou batalhas contra as populações professavam outras formas religiosas, que, a seu ver, oprimiam a população romana cristã ortodoxa, para reconstituir o Império em torno de uma fé cristã única. Os empreendimentos bélicos, contra os germânicos, valeram uma boa parcela dos recursos financeiros e materiais³⁴.

Segundo Averil Cameron, as guerras de reconquista visavam à restauração do passado glorioso do Império Romano, que iam além da questão da reconquista, mas se estendiam a questões de cunho intelectual, artístico, jurídico e religioso³⁵. Para Paul Lemerle, a política externa empreendida por Justiniano foi inteiramente voltada para a reconquista do Ocidente, enquanto sua reforma administrativa e legislativa buscava devolver ao império, após o restabelecimento dos territórios do Ocidente, sua antiga extensão e esplendor³⁶.

As ambições políticas e militares de Justiniano encontravam assim a sua base ideológica na recuperação do passado grandioso do Império. Mas, além dessas pretensões, Andrew Louth ressalta que Justiniano também acreditava ter uma missão divina de reconstituir o império numa nova configuração cristã ortodoxa. Portanto, a reconquista do Ocidente não era somente para a retomada desses territórios, uma vez que Justiniano pretendia reunificar todo o império romano em torno de uma única religião³⁷. Outros autores, como Peter Brown e Charles Pazdernik, acreditam que as guerras de reconquista não pretendiam apenas a restauração dos antigos territórios

34 BAPTISTA, Lyvia de Vasconcelos. **Procópio e a apropriação do modelo tucidideano: a representação da peste na narrativa histórica (VI século d.C.)**. Dissertação de mestrado, UFG: Goiás, 2008, p. 30

35 CAMERON, Averil. **Procopius and the Sixth Century**. Londres: Duckworth, 1996, p. 18-19.

36 LEMERLE, Paul. *História de Bizâncio*. São Paul: Martins Fontes, 1991, p. 44.

37 LOUGHT, Andrew. Justinian and his legacy. In: SHEPARD, Jonathan (org). **The Cambridge history of the Byzantine Empire**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 109.

romanos, mas buscavam também livrar a população romana da submissão aos governos bárbaros³⁸.

Desde Teodósio I, nenhum imperador se esforçou tanto para cristianizar o Império e acabar com o paganismo. Mesmo que pequena, a influência do paganismo na ciência e na educação continuava forte.³⁹ Justiniano retirou dos pagãos o direito de ensinar, e, em 529, fechou a Academia de Atenas, que era considerada um refúgio do neoplatonismo pagão. Os professores expulsos se instalaram na corte do rei Persa Chosroes I, levando para essa região a cultura grega. A maioria dos imperadores atacou as práticas pagãs e supersticiosas, almejando consolidar a soberania do cristianismo. Entretanto, essas práticas permaneceram durante toda a história do Império Bizantino. No caso de Justiniano, sua ação evangelizadora era levar o cristianismo para as fronteiras ocidentais do Império. Segundo Robert Browning:

As relações entre os romanos e as populações germânicas variavam de reino para reino. Os ostrogodos, visigodos e vândalos pertenciam, por razões históricas, à fé ariana, que foi rejeitada pela Igreja Cristã Ortodoxa como heresia, tanto no Ocidente como no Oriente. Esse fato impôs uma barreira entre os romanos que estavam nos territórios ocupados pelos bárbaros; além disso, havia as diferenças linguísticas e de costumes.⁴⁰

Apesar de seus esforços para acabar com o paganismo, Justiniano não perseguiu de imediato os monofisistas, mesmo tendo sido condenado pelo Concílio de Calcedônia em 451 d.C. Teodora era uma grande defensora do monofisismo⁴¹, e estes, ligados à imperatriz bizantina, defendiam, num movimento anti-nestoriano, a superioridade

38 PAZDERNIK, Charles F. Procopius and Thucydides on the Labor of War: Belisarius and Brasidas in the Field. **Transactions of the American Philological Association**. Vol. 130. Emory University, 2000, p. 149-187.

39 OSTROGORSKY, Georg. **História del Estado Bizantino**. Tradução de Javier Facci. Madri: Akal, 1984, p. 90.

40 BROWNING, Robert. **The Byzantine Empire**. Washington D. C.: The Catholic University of American Press, 1992. p. 4.

absoluta da natureza divina no Cristo. Já a Igreja Cristã Ortodoxa exigia uma posição anti-monofisista de Justiniano.⁴² Para resolver esse impasse, o imperador, seguindo conselhos de Teodora, empenhou-se em estabelecer com os monofisistas uma situação harmoniosa. Os bispos monofisistas regressam a Bizâncio e foram convidados a participarem de uma conferência religiosa de reconciliação. Porém, tal atitude não teve o resultado esperado, pois os monofisistas não estavam satisfeitos com as atitudes e com as concessões dadas por Justiniano, e pela dificuldade encontrada por ele em conciliar as duas doutrinas numa única expressão de fé.⁴³

Como parte de seu plano de restauração da grandiosidade de Roma, Justiniano elaborou um novo código legislativo constituído pela compilação de todas as constituições imperiais, promulgadas desde Adriano até o período de seu reinado, finalizando em 529 d.C., denominado de *Codex Iustinianus*. Em 533 d.C., esse código foi revisto e ampliado com os escritos dos juristas clássicos, surgindo um novo código conhecido como *Digesta* ou *Pandectae*. Desse modo, as obras legislativas, sob a égide de Justiniano, ampliaram-se, constituindo um material que denominamos *Corpus iuris civilis* ou “Corpo de direito civil”. Porém, a apreciação de tal material surge apenas no século XII, devido ao empenho nos estudos do direito romano.⁴⁴

41 Eutiques (378-454 d.C.) foi o grande defensor do monofisismo foi que foi condenado pelo Concílio de Calcedônia em 541 d.C., o quarto Concílio dos sete convocados para evidenciar e esclarecer algum elemento da teologia e atacar determinada heresia, sendo, neste momento, os monofisistas considerados hereges e perseguidos pelo poder público. Ver: RUNCIMAN, Steven. **A civilização bizantina**. Tradução de Waltersir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1977, p. 93.

42 OSTROGORSKY, Georg. **História del Estado Bizantino**. Tradução de Javier Facci. Madri: Akal, 1984, p. 91.

43 Segundo Timothy Gregory, a perseguição contra os pagãos, maniqueístas, samaritanos e até aos monofisistas foram características do reinado de Justiniano. Essas atitudes, além do fechamento da Academia de Atenas, mostram os intolerantes aspectos da política do imperador. GREGORY, Timothy. **A history of Byzantium**. Malden/Oxford: Blackwell, 2005, p. 140.

44 BAPTISTA, Lyvia de Vasconcelos. **Procópio e a apropriação do modelo tucidideano: a representação da peste na narrativa histórica (VI século d.C.)**. Dissertação de mestrado, UFG: Goiás, 2008, p. 45.

Outro aspecto que podemos destacar desse período é o florescimento da arte, da literatura e principalmente da arquitetura. Justiniano iniciou um programa de reformas na cidade de Constantinopla e de fortificação nas cidades limítrofes do Império. Esse programa começou com a reforma das Igrejas de São Sergio e de São Baco, ambas na Turquia. Ao todo foram construídas e restauradas mais de trinta Igrejas. Para Steven Ruciman:

A arte bizantina é um espelho fiel da síntese que constituiu a civilização bizantina. Nela podem ver-se todos os seus elementos constituintes - greco-romanos, aramaicos e iranianos – em proporções variáveis, mas sempre fundidos perfeitamente num todo, em algo único e original em todas as suas derivações. A arte, sobretudo religiosa. Era antes de tudo o produto da época religiosa em que o cristianismo triunfou.⁴⁵

A Igreja de Santa Sofia é considerada um dos maiores símbolos do reinado de Justiniano. Procópio, em seu panegírico *Das Construções*, escrito aproximadamente em 560 d.C., descreve as obras arquitetônicas promovidas pelo Imperador. No trecho abaixo, o historiador escreve sobre a construção de Santa Sofia. Segundo Procópio:

Assim, a Igreja tornou-se um espetáculo de maravilhosa beleza, irresistível para quem a vê, mas para aqueles que ouvem falar dela, parece completamente incrível. Em primeiro lugar ela é muito alta e combina com o céu, e como surgindo de entre os outros edifícios ela fica no alto e olha para baixo em cima o restante da cidade. [...] [A Igreja] distingue-se pela beleza indescritível, primando tanto em seu tamanho, e na harmonia das suas medidas, sem ter nenhuma parte excessiva e deficiente; sendo mais magnífica do que os edifícios comuns.⁴⁶

45 RUNCIMAN, Steven. **A civilização bizantina**. Tradução de Waltersir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1977, p. 196.

46 PROCOPIUS. *De Aedificiis*. I. I, 27. “So the church has become a spectacle of marvelous beauty, overwhelming to those who see it, but to those who know it by hearsay altogether incredible. First it soars to a height to match the sky, and as surging up from amongst the other buildings it stands on high and looks down upon the remainder of the city [...]. (The Church) Is distinguished by indescribable beauty, excelling both in its size, and in the harmony of its measures, having no part excessive and none deficient; being more magnificent than ordinary buildings.”

Por suas medidas administrativas e políticas, acrescidas aos seus empreendimentos bélicos em direção ao Ocidente, ao notável crescimento e enriquecimento e à formulação de um extenso e trabalhoso Código Civil, o governo de Justiniano pode ser considerado como um dos mais importantes na história da Civilização Bizantina.

Capítulo 3: Os bárbaros na obra de Procópio de Cesareia: o cristianismo na *Guerra Gótica* e a luta contra as heresias

Neste capítulo será analisado como Procópio de Cesareia descreveu os godos nos livros sobre a *Guerra Gótica* e como através dessas caracterizações ele justifica as campanhas de Justiniano na Península Itálica. Pretendo destacar a importância do Cristianismo como um dos principais argumentos utilizados como diferenciador entre os godos e os romanos e como ele utiliza a religião como uma justificativa para os eventos militares ocorridos na Itália entre 535 e 554. Para isso, vou analisar uma possível construção de uma identidade cristã romana e uma identidade cristã considerada herética para os godos, que após adotarem o arianismo asseguraram uma identidade separada das demais vigentes no império.

Os godos se converteram ao arianismo durante o governo de Constantino, no século V, num momento em que o imperador favorecia o culto ariano, que no entanto, havia sido condenado pelo concílio de Nicéia em 325, convocado pelo próprio imperador. De todo modo, no século VI, os godos já se diferenciavam dos romanos em virtude do triunfo definitivo, no império do Oriente, do Cristianismo Ortodoxo fundado nos cânones do Concílio de Nicéia de 325 e do Concílio de Calcedônia de 451. O historiador utiliza em grande parte da obra o argumento de defesa do cristianismo ortodoxo para justificar as campanhas imperiais na Itália com o intuito de libertar as populações submetidas a esse domínio bárbaro e herético.⁴⁷ Portanto, as campanhas de Justiniano pretendiam além de reconquistar os antigos territórios que pertenceram ao domínio imperial, combater esses conquistadores, descritos por Procópio como bárbaros e heréticos. Segundo Averil Cameron, os livros sobre a *Guerra Gótica* trazem uma justificativa para a diplomacia imperial que, para ela, representou as campanhas de Justiniano na Itália como uma cruzada religiosa contra o arianismo godo.⁴⁸ Steven Runciman enfatiza esse problema das heresias:

⁴⁷ A heresia consistia, oficialmente, na rejeição de qualquer um dos cânones dos Concílios Ecumênicos. O concílio Ecumênico era uma assembleia presidida pelo imperador, e na qual se faziam representar todas as Igrejas Intercomunicantes, suas decisões eram consideradas leis pela cristandade. Ver: RUNCIMAN, Steven. **A civilização bizantina**. Tradução de Waltersir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. p. 92.

Desde o século V, o Império considerava a heresia como crime contra o Estado. Consequentemente, eram as autoridades estatais e não a Igreja que tomavam medidas contra ela. [...] O cristianismo triunfara sobre o paganismo em meio a uma dissensão interna, quando os arianos negando a divindade integral de Cristo, tentavam estabelecer uma concepção mais unitária da Divindade. O Primeiro Concílio Ecumênico, o de Nicéia, lançara sobre eles o anátema, mas durante todo o século IV o arianismo gozou de popularidade nos círculos refinados de Constantinopla. Somente após o Segundo Concílio Ecumênico de 381 desapareceu ele do Oriente, sobrevivendo porém como a religião dos godos, durante séculos.⁴⁹

Em diversas passagens da obra, Procópio mostra o peso que o cristianismo teve como elemento de distinção entre os romanos e os inimigos “bárbaros”, como podemos perceber na passagem abaixo, em que os soldados de origem “bárbara” foram proibidos de praticar o arianismo e de participar dos ritos e sacramentos realizados.

No exército romano não havia menos que mil soldados de fé ariana, e a maior parte deles eram bárbaros, alguns deles sendo da nação heruliana. Esses homens eram então impelidos ao motim pelos padres dos vândalos com o máximo ardor. Por isso, não foi possível para eles cultuar Deus do jeito que eles estavam acostumados, mas foram excluídos tanto dos sacramentos quanto dos ritos sagrados. Pois o imperador Justiniano não permitia a nenhum cristão que não tivesse uma esposa de crença justa receber o batismo ou algum outro sacramento. Mas a maioria deles estava agitada pela festa da Páscoa, durante a qual eles não poderiam batizar seus próprios filhos com a água sagrada, ou participar de qualquer outra coisa pertencente a essa festa⁵⁰.

48 CAMERON, Averil. **Procopius and the Sixth Century**. Londres: Duckworth, 1996, p. 44.

49 RUNCIMAN, Steven. **A civilização bizantina**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1977, p. 92.

Ao longo de suas narrativas, Procópio utiliza o termo “bárbaro”, fazendo referência não apenas aos povos que eram vistos como inimigos do império, mas também às populações consideradas “não-romanas”. Segundo Walter Pohl, as comunidades bárbaras eram definidas de acordo com o grau de afastamento em relação a um estado tardo-romano de natureza poliétnica.⁵¹

O cristianismo também foi utilizado para tecer alianças entre os romanos e os povos bárbaros convertidos ao catolicismo. O argumento para a formação dessas alianças era pautado sempre em discursos que ressaltavam a importância de uma unidade romana na região e da liberdade das populações locais em relação ao domínio “bárbaro” inimigo:

Mas te pedimos, ó imperador, que depois de cuidadosamente pensar o que nós temos dito menos adequadamente do que os fatos merecem, tome o curso da ação que favoreça benefícios para ambos, romanos e lombardos, outras considerações, vejam que estamos de acordo desde o início em relação à religião; os romanos tomarão partido justamente conosco, mas eles estarão ao contrário dos nossos oponentes pela simples razão que eles são arianos⁵².

Para Justiniano, o ideal de unidade estava relacionado com a preocupação com a religião, o império deveria ser unificado em torno do cristianismo. Havia uma relação muito forte entre o poder político e a religiosidade no Império Bizantino, uma vez que o

50 PROCOPIO apud BOY, 2013, p.152. **De Bello Vandalico**. IV. xiv. 12-15.

51 POHL, Walter. El concepto de etnia en los studios de La Alta Idad Media. In: LITTLE, Lester K. e ROSENWEIN, H. **La Edad Media a debate**. Madri: Ediciones Akal, 2003, p. 48.

52 PROCOPIUS. **De Bello Gothico**. VII, xxxiv, 24.

imperador era eleito por Deus.⁵³ Portanto, as heresias permaneceram como um dos perigos mais graves à unidade da Igreja.

Segundo George Ostrogorsky, os territórios que pertenceram ao domínio romano continuavam sendo considerados como posse eterna e irrevogável do Imperador, mesmo que fossem administrados por reis germânicos. Os líderes “bárbaros” reconhecem, inicialmente, a soberania de Justiniano, e exerceram o poder que o Imperador delegou a eles. Era direito natural de Justiniano reconstituir a herança romana. Inclusive era sua missão sagrada libertar o território romano do domínio dos povos bárbaros e arianos heréticos, para restabelecer as antigas fronteiras como o único Império romano ortodoxo. Desse modo, a vitória romana na Península Itálica representava a vitória de um Império Cristão sobre uma população herética ariana.⁵⁴ Nas palavras de Procópio:

Os godos tomaram pela violência a Itália, que é nossa, e não só se recusaram absolutamente em devolvê-la, mas tendo cometido posteriormente atos de injustiça contra nós, o que não toleramos, e ultrapassam todos os limites⁵⁵.

Ao associar, na descrição dos inimigos, os termos barbárie e heresia, Procópio concebe a guerra contra os godos na Itália um caráter de luta pela defesa da fé cristã ortodoxa, dirigida contra esses povos que foram colocados como religiosamente heréticos. Devemos destacar que o Império Bizantino era uma “autocracia absoluta”⁵⁶, de modo que a atuação do poder imperial a partir de premissas religiosas não era algo

53 BAPTISTA, Lyvia de Vasconcelos. **Procópio e a apropriação do modelo tucidideano: a representação da peste na narrativa histórica (VI século d.C.)**. Dissertação de mestrado, UFG: Goiás, 2008. p. 48.

54 OSTROGORSKY, George. **História del Estado Bizantino**. Tradução de Javier Facci. Madri: Akal, 1984, p. 83.

55 PROCOPIUS. **De Bello Gothico**. V, v. 8.

56 RUNCIMAN, Steven. **A civilização bizantina**. Tradução de Waltersir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1977, p. 52.

estranho no mundo romano medieval, visto que a própria estrutura de poder reunia, em torno da figura do imperador, uma autoridade cuja estrutura do poder era formada por elementos da esfera política, militar, religiosa e jurídica.⁵⁷

As descrições feitas por Procópio das populações bárbaras que as tropas romanas teriam enfrentado em seus combates são bastante genéricas, não trazendo grandes distinções entre os diversos grupos bárbaros:

Agora, enquanto Honório mantinha o poder imperial no oeste, bárbaros tomaram posse de sua terra; e eu te direi quem eram e de que maneira eles fizeram isso. Eram muitas nações as góticas em épocas anteriores, assim como também no presente, mas os maiores e mais importantes eram os godos, vândalos, visigodos e Gepaedes. Em tempos antigos, no entanto, eles foram nomeados Sauromatae e Melanchlaeni; alguns os chamavam de nações Géticas. Todos esses, embora fossem distinguidos uns dos outros pelos nomes, como tem sido dito, não diferiam em nada do todo. Pois eles têm corpos brancos e cabelos claros, e são altos e bonitos de se ver, e eles usam as mesmas leis e praticam uma religião comum. Todos eles são da fé ariana, e tem uma língua chamada gótica; e, parece-me, todos eles vieram originalmente de uma tribo, e foram distinguidos mais tarde pelos nomes daqueles que lideravam cada grupo⁵⁸.

Renato Viana Boy ressalta que, apesar de Procópio descrever a população gótica como possuidora de leis, religião, língua e características físicas comuns, devemos enfatizar que não estamos diante de sociedades com características linguísticas, políticas, culturais e até mesmo geográficas que possam ser consideradas homogêneas.⁵⁹ Segundo Patrick Geary:

57 BOY, Renato Viana. **Procópio de Cesareia e as disputas entre romanos e bárbaros na Guerra Gótica: da “Queda de Roma” ao período de Justiniano**. Tese de doutorado, USP: São Paulo, 2013, p. 150.

58 PROCOPIOUS. **De Bello Vandalico** III. II. 1-5.

Os imperialistas romanos achavam mais fácil lidar com os outros povos quanto eram vistos como povos étnicos homogêneos, e não como tão complexos e fluidos quanto a população romana. [...] A qualidade do romano era uma categoria constitucional, e não étnica. Já a qualidade de bárbaro era uma categoria inventada, projetada sobre uma variedade de povos com todos os preconceitos e pressuposições de séculos de etnografia clássica e imperialismo⁶⁰.

O objetivo das descrições feitas por Procópio era demonstrar que os ataques e as ações contra os godos eram justificadas e politicamente legítimas, pois era dever de Justiniano livrar a população romana que vivia na Itália dessa população que era considerada herética, portanto, indigna de governar essa região. Além disso, a restauração da unidade territorial romana era uma das metas da política expansionista de Justiniano. Na seguinte passagem da obra, o historiador escreve que os exércitos imperiais traziam a liberdade para os romanos que residiam no território italiano: “Receba em sua cidade, por isso, o exército do imperador, que veio para garantir a sua liberdade e a dos italianos, e não escolha o curso que trará sobre vós o mais grave infortúnio”⁶¹.

Procópio destaca em sua obra outras características e descrições que desprestigiavam o elemento bárbaro frente aos romanos. Podemos perceber que o autor utiliza desses elementos diferenciadores e pejorativos para legitimar as ações imperiais contra essas populações.

Em trecho do livro V da *Guerra Gótica* o autor escreve sobre a ausência de organização militar nos exércitos bárbaros, sempre destacando a superioridade dos exércitos romanos, a organização, a coragem dos soldados e suas habilidades com as armas:

59 BOY, Renato Viana. **Procópio de Cesareia e as disputas entre romanos e bárbaros na Guerra Gótica: da “Queda de Roma” ao período de Justiniano**. Tese de doutorado, USP: São Paulo, 2013, p. 142.

60 GEARY, Patrick. **A invenção do nacionalismo**. Tradução: Fábio Pinto. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005, p. 81.

61 PROCOPPIUS. **De Bello Gothico**. V. viii, 13.

A batalha foi inicialmente disputada com equilíbrio, uma vez que os bárbaros eram superiores em número, mas depois os romanos por sua bravura ganharam e derrotaram o inimigo, e enquanto eles estavam fugindo em completa desordem os romanos mataram quase todos eles; e eles capturaram vivos os comandantes do inimigo e os enviaram para Belisário ⁶².

Segundo Averil Cameron, o historiador provavelmente aumentou o número de soldados godos para dar mais prestígio às vitórias conquistadas pelos exércitos bizantinos. Sua hipótese se baseia nas descrições presentes na *Guerra Gótica*, em que o autor escreve que, nos eventos que ocorreram na primeira fase dos combates (até o ano 540), os godos perderam quase 40 mil homens. Em outra passagem, Vitígio, rei dos godos, chegou a Roma com 150 mil soldados em 537. ⁶³

Nessa passagem, retirada do primeiro capítulo da *Guerra Gótica*, Procópio cita uma aliança feita pelo Império, no século V, com as populações godas, comandados por Alarico. Segundo o historiador, a partir dessa aliança, a influência de elementos bárbaros aumentou no exército, gerando um declínio no prestígio dos soldados romanos:

E na proporção em que o elemento bárbaro entre eles tornou-se forte, o prestígio dos soldados romanos imediatamente declinou, e por causa dessa aliança, eles foram mais e mais tiranizados pelos intrusos e oprimidos por eles. Os bárbaros impiedosamente forçaram os romanos, muitas vezes contra sua vontade, e finalmente que deveriam dividir com eles a terra inteira da Itália. ⁶⁴

62 PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V. xvi 6-7.

63 CAMERON, Averil. *Procopius and the Sixth Century*. Londres: Duckworth, 1996, p. 148.

64 PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V. i, 4.

Partindo desses pontos analisados, podemos observar que os objetivos de tais descrições pretendiam justificar as ações dos exércitos imperiais contra essas regiões que estavam sob o domínio de um governo não romano e não cristão, impedindo a realização da Reconquista promovida por Justiniano, de estabelecer novamente nestas regiões uma unidade romana, sob a égide da autoridade do imperador em Constantinopla.

Considerações Finais

Somos (Justiniano e os seus oficiais) inspirados com o desejo de que Deus nos conceda o domínio sobre o resto do que, sujeito aos antigos romanos os limites de ambos os mares, eles mais tarde perderam por sua negligência. (Novelas, 30,11,2)

Consagrado como historiador do governo de Justiniano e famoso pela descrição que elaborou acerca dos feitos dos generais Belisário e Narces, Procópio de Cesareia deixou à posteridade uma importante obra literária e histórica cujos ecos proporcionam diferenciadas interpretações e sustentam vivo interesse pela sua narrativa. As suas três grandes obras, *História das Guerras*, *História Secreta* e *Das Construções*, apresentam-se hoje como os mais ricos documentos referentes a esse período da história bizantina do século VI, não só do ponto de vista dos temas tratados em seus livros, mas também pelo estilo literário escolhido por ele e por outros escritores contemporâneos, que mostram como, apesar de todas as transformações que estavam ocorrendo no Império Romano, ainda havia uma forte presença do helenismo.

O nosso estudo objetivou apresentar e discutir a questão da legitimação das guerras de reconquistas empreendidas por Justiniano. Consideramos que o principal argumento que Procópio utilizou para justificar as incursões militares contra os godos seria as diferenças religiosas entre essa população e os romanos. Como podemos verificar durante a nossa pesquisa, o historiador, ao longo de suas narrativas, tece as descrições dessa população “bárbara” de forma depreciativa, com o intuito de demonstrar os motivos de serem considerados indignos e não capacitados para governar os territórios que ocuparam, nesse caso, a Península Itálica. Logo, esses ataques contra os godos eram entendidos como legítimos e ideologicamente fundamentados. Escolhemos os godos, dentre os outros grupos germânicos descritos na obra, pois foi contra essa população que as tropas romanas tiveram que lutar durante mais tempo, sendo a guerra travada na Itália a mais longa e difícil para o Império Romano.

Dessa forma, perceberemos a *História das Guerras* como uma obra que é fruto de uma situação cultural e política específica, mas que foi elaborada com intenção de ter um papel dentro desse contexto, já que foi escrita a pedido do próprio imperador para exaltar e legitimar os feitos de Justiniano durante as guerras de reconquista.

Referências Bibliográficas

- **Fontes:**

PROCOPIUS. De Bello Gothico (Υπερ των πολεμων). **History of the Wars. The Gothic War**. English translation by H. B. Dewing. London: Harvard University Press. 2006.

PROCOPIUS. De Bello Vandalico (Υπερ των πολεμων). **History of the Wars. The Vandalic War**. English translation by H. B. Dewing. London: Harvard University Press. 2006

PROCOPIUS. De Bello Persico (Υπερ των πολεμων). **History of the Wars. The Gothic War**. English translation by H. B. Dewing. London: Harvard University Press. 2006.

PROCOPIUS. **De Aedificiis**. English translation by H. B. Dewing. London: Harvard University Press. 1996.

- **Livros e artigos**

AUERBACH, Eric. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BAPTISTA, Lyvia de Vasconcelos. **Procópio e a apropriação do modelo tucidideano: a representação da peste na narrativa histórica (VI século d.C.)**. Dissertação de mestrado, UFG: Goiás, 2008.

_____. **Bizâncio em foco: a historiografia produzida sobre Procópio de Cesaréia**. In: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História ANPUH. São Paulo: ANPUH-SP, 2011. v. 1, p. 1-15.

_____. O logos da Guerra Pérsica: Uma análise da perspectiva histórica da obra de Procópio de Cesareia (VI D.C). Tese de doutorado, UFRGS: Porto Alegre, 2013.

BOY, Renato Viana. **Procópio de Cesareia e as disputas entre romanos e bárbaros na Guerra Gótica: da “Queda de Roma” ao período de Justiniano**. Tese de doutorado, USP: São Paulo, 2013.

BROWN, P. **O fim do mundo Clássico. De marco Aurélio a Maomé.** Lisboa, Editorial Verbo, 1972.

CAMERON, Averil. **Procopius and the Sixth Century.** Londres: Duckworth, 1996.

CAMERON, Averil. **The Mediterranean World in Late Antiquity.** Londres e Nova York: Routledge, 1996.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, 1991, vol. 5, n. 11, p. 173-191.

EVANS. James Allan Stewart. **The age of Justinian. The circumstances of the imperial Power.** New York: Routledge, 1996.

GEARY. Patrick. **A invenção do nacionalismo.** Tradução: Fábio Pinto. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.

GREGORY, Timothy. **A history of Byzantium.** Malden/Oxford: Blackwell, 2005.

HALDON, Jonh F. **Byzantium. A history.** Londres: Tempus Publishing, 2000.

KALDELLIS. Anthony. **Procopius of Cesarea: Tyranny, History, and Philosophy at the End of Antiquity.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LEMERLE, Paul. **História de Bizâncio.** São Paul: Martins Fontes, 1991.

LOUGHT, Andrew. Justinian and his legacy. In: SHEPARD, Jonathan (org). **The Cambridge history of the Byzantine Empire. Justinian and his legacy (500-600)**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

MASS. Michael. **The Age of Justinian**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

OSTROGORSKY, Georg. **História Del Estado Bizantino**. Tradução de Javier Facci. Madri: Akal, 1984.

PAZDERNIK, Charles F. Procopius and Thucydides on the Labor of War: Belisarius and Brasidas in the Field. **Transactions of the American Philological association**. Vol. 130, 2000, p. 149-187.

PERRONE. Lorenzo. De Nicéia (325) a Calcedônia (451) - Os quatro primeiros concílios ecumênicos: instituições, doutrinas, processos de recepção. In: ALBERIGO. Giuseppe (org). **História dos Concílios Ecumênicos**. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Ed. Paulus, 1995, p. 1-108.

RUNCIMAN, Steven. **A civilização bizantina**. Tradução de Waltersir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

TREADGOLD. Warren. **The early Byzantine Historians**. Londres: Palgrave Macmillan, 2010.

_____. **A History of the Byzantine State and Society**. California: Stanford University Press, 1997.

POHL, Walter. El concepto de etnia en los studios de La Alta Edad Media. In: LITTLE, Lester K., e ROSENWEIN, H. **La Edad Media a debate**. Madrid: Ediciones Akal, 2003. p. 1-68.